

**A fêmea seletiva:
Uma interpretação darwinista
de *O cortiço* (1890), de Aluísio Azevedo**

Ricardo Waizbort

(ricw@coc.fiocruz.br)

Pesquisador associado

**Programa de Pós-Graduação
em História das Ciências da Saúde**

Departamento de Pesquisa

Casa de Oswaldo Cruz

FIOCRUZ

1 – Introdução

O CORTIÇO (1890), DE ALUÍSIO AZEVEDO, é considerado o mais bem elaborado romance naturalista brasileiro (BOSI; CANDIDO; PEREIRA). O período naturalista, no Brasil, começa com a publicação em 1881 do romance *O mulato*, do mesmo Azevedo. No naturalismo, como se sabe, personagens e enredos submetem-se ao destino cego das "leis naturais" que a ciência da época julgava ter codificado. Entre essas leis naturais encontram-se aquelas oriundas do darwinismo e de outros tipos de evolucionismo.

O objetivo do nosso trabalho é analisar as relações de gênero e raça de alguns personagens de *O cortiço* sob a luz do conceito de investimento parental. Naturalmente não pensamos que Azevedo tivesse em mente tal conceito e sua aplicação. Todavia, a sensibilidade naturalista com trata das relações humanas demonstra que não é preciso estar consciente das estruturas subjacentes empregadas. O escritor de *O cortiço* não precisa ser um psicólogo para dispor mulheres e homens, negras e brancos de uma forma psicologicamente tensa. Nem precisa ser um biólogo evolutivo para verificar que há claros conflitos de interesse que podem ser compreendidos como parte de uma natureza humana. É óbvio, como assinala Gilberto Freyre, que Azevedo tem o tino do sociólogo capaz de detectar e descrever as tensas relações sociais que no Brasil anteciparam e acompanharam tanto a abolição da escravatura como a proclamação da república. No entanto, acreditamos, que o darwinismo de Azevedo complementa psicológica e biologicamente o quadro social, pois acrescenta uma dimensão que enriquece a leitura, apontando para conflitos que não são socialmente construídos, mas que estão enraizados em nossa condição animal, que não se afasta com o advento da cultura, mas se modifica e assume as formas que são estudadas pelo sociólogo e pelo antropólogo.

Como todo herdeiro da geração de modernista de 1870, Aluisio de Azevedo era partidário da crença desmedida na ciência e no progresso, do desejo de desafiar e derrocar ideais arcaicos apoiados em dogmas religiosos e da necessidade de renovação das instituições nacionais aos moldes das européias compartilhado pelos escritores e outros intelectuais do período (SEVCENKO, 1985; BOSI, 1995). Em seus romances temas como organização social, diferenças entre os gêneros, escravidão, mestiçagem, prostituição são apresentados num quadro de cientificismo característico do movimento naturalista, onde também se insere uma forte crítica social conservadora, facilmente observável na elite do oitocentos. A luta pela sobrevivência, por exemplo, em um romance como *O cortiço*, é clara, e a mensagem não deixa dúvidas: para vencer é preciso esquecer a moralidade imposta por decadentes insituições que pregam o amor romântico e a atitude heróica e despojada perante a vida e a morte.

Observe-se que a literatura dos romances e dos livros de poesia foi uma das formas pela qual a elite brasileira procurou cultivar o seu próprio "instinto de nacionalidade" (CÂNDIDO, 1993; SCHWARZ, 1990; SKIDMORE, 1976), expressão tornada famosa em título de ensaio do nosso talvez maior homem de letras, Machado de Assis. Nesse trabalho, Machado critica aqueles que pensam que o forjar de uma literatura nacional, e com ela a própria identidade da nação, dependa de se ater na apresentação da cor local. Mas diferente de Shakespeare, que vai buscar muitos de seus temas fora da Inglaterra, Machado costura suas tramas universais com personagens e cenários brasileiros, na verdade bem fluminenses, sobretudo em seus conflitos com os ideais metropolitanos do Império Português. Assim também, em *O cortiço*: a relação do português com o brasileiro, do branco com o afro-descendente, do homem do império com o da colônia, do estrangeiro com o autóctone, têm lugar de destaque, trazendo a tona o ideário que pregava a aproximação entre miscigenação, degeneração e desintegração social e a via do branqueamento da raça brasileira como condição necessária para fazer o país ingressar na modernidade. Escrito num momento de grande desenvolvimento das ciências biomédicas, vis a vis a uma contínua degradação das condições de saúde do país, tal livro de Azevedo faz parte de um complexo cenário científico e cultural onde se inter-relacionam frementes epidemias de febre amarela, varíola, tuberculose, cólera, febre tifóide, e o desenvolvimento de campos de investigação biológica como a microbiologia, a imunologia, a parasitologia, a bacteriologia, a embriologia, o evolucionismo e a nascente ciência da eugenia — que no Brasil assumiria uma peculiar identidade ao se aproximar das questões de saúde tomando por base concepções neo-lamarckistas (STEPAN, 2004). Muitas vezes tendo como lócus de produção museus científicos e institutos de pesquisa criados no último quartel do século XIX (SCHWARCZ, 1995), esses saberes e as intervenções sociais deles decorrentes tiveram um apelo especial no trabalho Aluísio Azevedo (BOSI; SODRÉ; CÂNDIDO).

No Brasil, em 1875 vieram à luz duas obras, uma científica e outra literária, em que se observam referências explícitas ao darwinismo: a tese de doutorado de Augusto César de Miranda Azevedo, *Beribéri*; e o romance folhetinesco de Emilio Zaluar, *Dr. Benignus*. Esses dois textos podem ser interpretados como o embrião de uma postura teórica que iria se desenvolver mais e mais nas épocas seguintes: a mistura entre o darwinismo e sistemas de classificação racial. Entretanto, o trabalho de Miranda Azevedo, *Beribéri*, é uma tese de doutorado; o darwinismo só entra como uma pergunta que um dos membros da banca de doutoramento propõe para ser respondida por extenso, como preconizavam as regras da academia naqueles tempos. Miranda Azevedo ainda ministra sete palestras sobre o

darwinismo, nas assim conhecidas “Conferências públicas da Glória”. Tivemos a oportunidade de ler e reler apenas o primeiro desses sete textos. Neste, Miranda Azevedo, defende o darwinismo quase que com as mesmas palavras de Haeckel. Já a obra de literária de Zalar é apenas um arremedo quando se trata de avaliar seu valor estético. De um naturalismo ingênuo e esquemático que chega as raias do medíocre, os personagens são absolutamente aplanados: o cientista bom, sábio e naturalmente branco; o colono bronco e incorrigível; o nativo selvagem, que no entanto podia ser regenerado pela ciência e pela civilização. Sua referência ao darwinismo se limita à idéia de que a ciência da biologia é necessária e suficiente para que o homem realize seu reino na terra. A idéia do homem como o ápice da criação é manifesta e não há nada que se possa detectar acerca das revoluções intelectuais que as idéias de Darwin impingiram à mente humana.

A partir de 1881, durante todo o “episódio naturalista” (WERNECK), escritores como Aluísio Azevedo, Inglês de Souza, Adolfo Caminha, Júlio Ribeiro, entre outros procuraram utilizar-se sobretudo das idéias de “luta pela sobrevivência”, “sobrevivência dos mais aptos”, ou “mais fortes”, “adaptação” e também “evolução moral” e “progresso”. Isso parece ser interpretado, entre nossos estudiosos, como se a mera menção ou mesmo o aprofundamento desses conceitos, só ou relacionados, levasse inexoravelmente ao darwinismo. Nascido em São Luís do Maranhão, Aluísio Azevedo mudou-se aos 19 anos para o Rio de Janeiro a convite de seu irmão Artur, que já tinha destaque por suas obras teatrais cômicas. No Rio, estudou pintura e trabalhou como cartunista em jornais. Voltou para o Maranhão em 1878, após a morte do pai, e passou a trabalhar na imprensa e a investir na carreira de escritor.

Foi em seu segundo livro, *O Mulato*, que Aluísio Azevedo começou a seguir a trilha do Naturalismo. Esta obra acabou lhe gerando muitas inimizades em São Luís, por retratar os preconceitos da sociedade local da época. De volta ao Rio de Janeiro, passa a tentar viver da literatura, tornando-se talvez o primeiro escritor profissional do Brasil.

Esta carreira, que durou 10 anos. Em 1891, porém, consegue um cargo no Governo do Estado, deixando a literatura em segundo plano; e acaba por abandoná-la definitivamente ao ingressar na carreira diplomática. Aluísio Azevedo chegou mesmo a vender os direitos sobre toda a sua obra literária para H. Garnier. Morreu em Buenos Aires em 1913, aos 55 anos.

Em *O mulato* (1881), Raimundo é orfão de pai e vive afastado da mãe, uma ex-escrava. Volta da Europa formado para viver com o seu tio e tutor, Manuel Pescada, e acaba se interessando por sua filha, Ana Rosa. A paixão é correspondida, mas tem obstáculos nas restrições impostas pela família da moça devido às origens negras do rapaz.

Um dos mais empenhados em afastar os dois é o Cônego Diogo, responsável pela morte do pai de Raimundo, que o flagrara em pleno ato sexual com sua esposa, a branca Quitéria. Raimundo, desiludido após obter a confirmação de que não poderia ficar com Ana Rosa por ser filho de uma negra, decide ir para o Rio de Janeiro; Ana Rosa, porém, pede que ele fique. Os dois terminam fazendo amor e, a moça, engravidando.

Os dois planejam a fuga, mas têm os planos frustrados por Diogo e Dias, um caixeiro de Manuel que queria a mão de Ana Rosa. Quando volta para sua casa, Raimundo é morto por um tiro de Dias. Ana Rosa, ao vê-lo morto, aborta. Anos depois, porém, ela aparece em uma recepção oficial, casada com Dias, preocupada com os três filhos que eles deixaram dormindo em casa.

É possível identificar vários elementos realistas na história, como a crítica social, o anticlericalismo, a luta contra o preconceito racial, o aspecto sexual (presente na natureza carnal do amor de Ana Rosa pelo mulato) e o triunfo do mal. Há ainda, porém, algumas características remanescentes do Romantismo, como a idealização do herói, a trama clichê do amor que não se realiza devido a tradições e preconceitos e a natureza “rocambolêsca” da história.

Já em *O cortiço* (1890) a história não gira em torno de um herói, mas sim de toda uma sociedade que se forma no cortiço do título. Estão nele presentes de forma clara diversas características do Realismo-Naturalismo: o determinismo, com os homens sendo produtos do meio em que vivem; a crítica social, com a exploração do homem pelo homem; a zoomorfização, ou redução do homem ao nível de animal que age de acordo com seus instintos, que aparece em diversas figuras de linguagem e na supervalorização do sexo.

João Romão é um português ambicioso que consegue abrir um pequeno estabelecimento comercial. Ele junta-se então a uma escrava fugida, Bertoleza, sua vizinha, e com o seu dinheiro consegue aumentar sua propriedade. Começa, então, a alugar pequenas casas.

O negócio dá certo, e os cubículos vão se multiplicando, gerando o cortiço. Uma enorme variedade de tipos humanos passa a habitar o local, trabalhando na pedreira montada por João Romão e comprando em seu armazém. O único incomodado com o crescimento do cortiço é o também português Miranda, de classe mais elevada.

Entre os tipos que vivem no cortiço estão a Machona, lavadeira gritalhona, “cujos filhos não se pareciam uns com os outros”; Alexandre, mulato pernóstico; Pombinha, moça franzina que se desencaminha por influência das más companhias; Rita Baiana, mulata faceira que andava amigada na ocasião com Firmo, malandro valentão; Jerônimo e sua mulher, e outros mais.

Outro cortiço se forma na mesma rua, sendo apelidado de “Cabeça-de-Gato”. Os moradores do Cabeça-de-Gato, por sua vez, apelidam os moradores do cortiço de “Carapicus”. Há uma rivalidade entre os moradores dos dois

cortiços, agravada pela disputa entre Jerônimo e Firmo por Rita Baiana - Firmo se muda para o Cabeça-de-Gato. O conflito só acaba após um misterioso incêndio que destrói parte do cortiço de João Romão.

O português, porém, reconstrói o cortiço e o torna ainda mais próspero. O seu sonho passa a ser casar com uma moça de família para conseguir mais status, e seu alvo passa a ser a filha de Miranda, Zulmira. Após os acertos de interesse entre os dois patrícios, João Romão decide se livrar da antiga companheira Bertoleza, para abrir caminho para o casamento.

2 – Considerações sobre material e métodos

O objetivo desse trabalho é interpretar *O cortiço* como um fenômeno biológico e uma forma de conhecimento, partindo de quatro conceitos que Joseph Carroll apresenta logo no início de *Evolution and literary theory*:

1) A relação do indivíduo (de uma espécie) com o ambiente em que vive, considerando que o ambiente é constituído por muitos indivíduos de uma mesma e de diferentes espécies. Entre as interações mais importantes a serem estudadas estão as relações de gênero. É desnecessário enfatizar o quanto tais relações são importantes de um ponto de vista sociológico, antropológico e etnográfico;

2) A presença (nos personagens, no narrador, no autor, nos leitores) de estruturas psicológicas inatas, estruturas perceptuais, racionais e afetivas, que evoluíram por um processo adaptativo de seleção natural. Tais estruturas regulam, mas não determinam cegamente, a vida mental (dos personagens, do narrador, do autor, dos leitores). Ou seja, procuraremos entre os comportamentos dos personagens aqueles que representam uma estrutura psicológica que não é consciente nem social;

3) A interação, nos motivos humanos, entre as causas próximas ou imediatas, regulados pelos princípios de aptidão inclusiva, as causas distantes. Traduzindo: as explicações que podemos dar para um comportamento ou ação humana qualquer, em termos de causas funcionais ou próximas (imediatas) devem ser sempre complementadas por explicações de como, em termos históricos (evolutivos), tais comportamento vieram a se desenvolver. A diferenciação entre causas imediatas e históricas permite perceber que a conduta humana, assim como nossos conflitos de interesse, são regulados, embora não cegamente determinados, por estruturas que são muito alheias à vontade racional;

4) O fenômeno da representação (falsamente refutado por muitos pós-modernistas, pós-estruturalistas e sobretudo por relativistas), incluindo a representação literária, reconhecido como uma forma de “mapa cognitivo”. Isso é, olharemos para a obra de Aluísio de Azevedo como uma extensão da orientação adaptativa desse ser humanos em um ambiente que é em primeiro lugar espacial e físico, mas também social, cultural e político. O Rio de Janeiro do romance de Azevedo pinta um ambiente que sendo histórico, no sentido de que muito mudou desde então, também é biológico na medida em que representa o comportamento de seres vivos biológicos, mulheres e homens, escravos e senhores de terra, negros e brancos, que exibem claros conflitos de interesse, que não são meramente conflitos de classe, de gênero ou de raça, mas conflitos biológicos, genéticos, embora muitos desses conflitos estejam fundidos com preconceitos da época.

De forma mais específica estaremos utilizando duas categorias oriundas dos trabalhos do biólogo Robert Trivers: 1) investimento parental; 2) conflito de interesses biológicos. Trivers define o investimento parental (*parental investment*) como “qualquer investimento de um dos progenitores em um filho individual que aumente a chance desse filho sobreviver (...) ao custo da possibilidade desse progenitor investir em outro filho” (TRIVERS, 2002, p 67). A diferença entre os comportamentos feminino e masculino, em sociedades políticas e culturalmente estratificadas como a nossa, é um dos temas em que mais se afirma o caráter social e não-biológico do comportamento humano. Em termos psicológicos, as mentes de mulheres e homens seriam socialmente construídas. Entretanto, a reprodução humana é um fenômeno biológico com um impacto psicológico difícil de ser superestimado. A reprodução humana depende de um longo período de gestação, *que ocorre dentro do corpo da mulher*, e permite ao homem uma liberdade moralmente escandalosa para decidir abandonar ou não a gravidez, a mulher e o filho. O investimento parental da fêmea é desproporcionalmente maior. Isso talvez esteja de alguma forma incorporado na lei que costuma dar à mãe a guarda do filho. Queira ou não, para ter um filho, a mãe experimenta mudanças radicais em seu corpo e em sua mente. Fisicamente, o investimento inicial do macho, o esperma, permite que o macho tenha inúmeros filhos ao mesmo tempo. A mulher, a não ser quando grávida de gêmeos, tem que esperar no mínimo nove meses para ter mais de um bebê. O outro lado dessa questão é que somente a mãe pode ter certeza de quem é o filho em seu ventre. Há um provérbio de uma cultura africana que diz: “Filhinho da mamãe; do papai talvez” (BUSS).

A teoria da assimetria “fêmea *versus* macho” no investimento parental, de Trivers, está explicitamente assentada na teoria do gene como nível fundamental de seleção natural, mais equivocadamente conhecida como teoria

do gene egoísta. Animais são altruístas principalmente quando defendem seus representantes genéticos. As mães mamíferas investem muito tempo e recursos com os genes de suas crias, desde o instante em que se instalam em seu ventre, enquanto os pais investem um moedinha de tempo e uma população relativamente barata de espermatozoides. Por causa disso as fêmeas *tendem* a ser mais seletivas na escolha de parceiros para a cópula. E, embora haja naturalmente conflito de interesses genéticos para além da relação macho/fêmea (pense-se nas relações entre pais, mães, filhas e filhos, entre irmãs e irmãos, entre primas e primos, etc., há também as relações entre indivíduos não aparentados), tal relação é um foco constitutivo de nossa personalidade e psique, uma vez que nascemos, via de regra, macho e fêmea, e somos inclusive socializados no sentido de no futuro, quando adultos, termos uma relação estável com pessoa de sexo oposto, notadamente com a intenção explícita de constituir família. Vejamos como se dá isso em *O cortiço*.

Iremos inicialmente focar nossa atenção em um casal que aparece logo no início do romance: Estela e Miranda. Daí rumaremos para outros pares, triângulos e quiçá outras figuras geométricas, formados pelos personagens do romance. Concomitantemente estaremos atentos ao comportamento de um personagem masculino, Jerônimo. O comportamento dessas personagens demonstra como entre elas e seus parceiros há interesses compartilhados e conflitos de interesses. Tais conflitos contribuem para estruturar a trama de *O cortiço*, e parte da arte de Aluísio de Azevedo reside em representar ao menos um personagem que muda no decorrer de tais conflitos. Apesar de ser justamente classificado como romance naturalista, cujos personagens são psicologicamente constituídos como tipos fixos, da teoria dos tipos (AUERBACH), a degeneração de Jerônimo vai apontar justamente para a possibilidade de mudança, assim como mudança da sua parceira que reclama o direito de melhorar sua raça pela mistura com o sangue português.

3 – Estela e Miranda

O CORTIÇO É ESTRUTURADO em vinte e três capítulos ou episódios apenas numerados por algarismos romanos (de I, II, III até XXIII). Esta análise vai partir de uma leitura dos dois primeiros episódios, mais especificamente do conflito entre Estela e Miranda.

Logo nas primeiras linhas do texto lê-se como o vendeiro português João Romão obtém a venda onde ele ganha sua vida. Mostra logo também sua relação com a escrava negra Bertoleza. O ambíguo par que formam pode ser interpretado como o núcleo exemplar tanto das relações de gênero quanto das de raça:

Ele [João Romão] propôs-lhe morarem juntos e ela concordou de braços abertos, feliz em meter-se de novo com um português, porque, como toda a cafuza, Bertoleza não queria sujeitar-se a negros e procurava instintivamente o homem numa raça superior à sua (8).

Muito mais tarde João Romão tramará para se casar com uma outra personagem, dessa vez branca. Mas logo ainda no primeiro episódio é relatado que Miranda, um rico português comerciante de fazendas, comprou um sobrado que se encontrava justamente encravado no terreno que João Romão sonhava para seu cortiço. Atentemos para o motivo humano que leva Miranda a ir morar no sobrado da praia de Botafogo. Miranda explica aos colegas que mudava para lá

pois sua mulher, Dona Estela, senhora pretensiosa e com fumaças de nobreza, já não podia suportar a residência no centro da cidade, como também sua menina, a Zulmirinha, crescia muito pálida e precisava de largueza para enrijar e tomar corpo.

Entretanto essa era a explicação que ele dava aos outros, pois

a verdadeira causa da mudança estava na necessidade, que ele reconhecia urgente, de afastar Dona Estela do alcance dos seus caixeiros. Dona Estela era uma mulherzinha levada da breca: achava-se casada havia treze anos e durante esse tempo dera ao marido toda sorte de desgostos. Ainda antes de terminar o segundo ano de matrimônio, o Miranda pilhou-a em flagrante delito de adultério; ficou furioso e o seu primeiro impulso foi de mandá-la para o diabo junto com o cúmplice; mas a sua casa comercial garantia-se com o dote que ela trouxera, uns oitenta contos em prédios e ações da dívida pública, de que se utilizava o desgraçado tanto quanto lhe permitia o regime dotal (p 12)

Vê-se que ciúme sexual e sentimento de posse misturam-se com interesses econômicos no espírito de

Miranda. Parece que está em curso uma espécie de jogo ou luta de egoístas. Miranda não se separa de Estela, mas ambos odeiam-se mutuamente, embora mais adiante a sede sexual incontida do macho vá tornar a relação do casal “uma mistura de felicidade sexual e repugnância moral” (p 15). E o que é pior, a concepção de uma criança atinge em cheio o dilema que queremos apontar:

O nascimento de Zulmira veio agravar ainda mais a situação; a pobre criança, em vez de servir de elo aos dois infelizes, foi antes um novo isolador que se estabeleceu entre eles. Estela amava-a menos do que lhe pedia o instinto materno por supô-la filha do marido, e este a detestava porque tinha convicção de não ser seu pai.

O fato de Estela amar sua filha menos “do que lhe pedia o instinto materno” poderia ser visto como um enfraquecimento da tese de que o investimento parental feminino é proeminente quando comparado com o investimento do macho e que, psicologicamente, o investimento da mãe estabelece uma ligação profunda entre ela e sua prole. Pois, independente de quem é o pai, Zulmira carrega os genes de Estela, e até onde o texto deixa entrever Estela não tem outros filhos. Entretanto, não se pode esquecer que Estela provavelmente não escolheu o Miranda de forma espontânea. Ela também não reconhece nele um macho desejável, como se depreende por seu comportamento adúltero. É provável que se ela acreditasse que Zulmira fosse filha de um de seus amantes, talvez a amasse mais. Ironicamente, Estela apenas *supõe* que Zulmira seja filha de Miranda. Naturalmente uma esposa fiel (ou, principalmente hoje em dia, muito cuidadosa) pode ter *certeza* de quem é o pai. Por outro lado, a convicção, jamais testada por Miranda (não havia exame de DNA na época), de que Zulmira não era sua filha, sobretudo por causa dos antecedentes adúlteros de sua esposa, pode ser interpretada como um sentimento típico de um ser vivo que pertence a uma espécie no qual a ovulação da fêmea é invisível ao macho, e que este nunca sabe de fato se a criança no ventre de sua parceira é realmente sua. Esse tipo de assimetria na relação da mulher com o homem é expressa em um comportamento com várias manifestações literárias já consideradas clássicas. Seja em *Otelo* ou em *Dom Casmurro* os personagens-alvo da trama estão envolvidos em um verdadeiro dilema do prisioneiro, pois não sabem de fato o que se passa ou passou na mente de outra pessoa, no caso, na mente de suas respectivas, Desdêmona e Capitu.

Paralelos desse tipo (comportamento distinto entre fêmea e macho, entre mãe e pai biológicos) são encontrados em muitas espécies de mamíferos. Por exemplo, nos haréns de lobos marinhos, de gorilas e de leões. Entre os elefantes marinhos da Patagônia (*Mirounga leonina*), um macho domina uma verdadeira multidão de fêmeas. Um macho dessa espécie pode chegar a seis toneladas, enquanto a fêmea raramente passa dos novecentos quilos. O enorme dimorfismo sexual parece levar os machos a disputarem as fêmeas. Ao vencedor tudo; aos perdedores resta ficar rondando o harém em busca de uma brecha na atenção do macho alfa.

Alguns grupos de aves, ao contrário, se comportam em relação à prole de maneira diferente, pois o ovo se desenvolve externamente ao corpo de ambos e depende de cuidados que somente ambos os pais podem oferecer. Entre peixes há espécies em que as fêmeas comem seus próprios filhotes, se estes não forem defendidos pelos pais, que fazem ninhos de bolha de ar, expulsam a fêmea de seu território e passam o dia pegando seus filhotes na boca e os trazendo de volta para sua toca. Há também o cavalo-marinho, cujo macho guarda os filhotes numa bolsa. Nessas espécies, são as fêmeas que tendem à poligamia. No seio de toda essa diversidade de sistemas sexuais encontram-se também alguns casos de espécies, inclusive de mamíferos, que são, pelo menos por algum tempo, monogâmicas. Isso parece estar correlacionado, em alguns casos, com a produção de um hormônio chamado oxitocina (a molécula do amor), e também com receptores celulares específicos para esse hormônio. Hormônios e receptores estão naturalmente codificados nos genes e são criados e mantidos por seleção natural.

Isso significa, na espécie humana que a traição feminina pode levar a um homem a gastar seus recursos com filhos que não são seus. O inverso, a traição masculina, por mais machista que possa parecer, não leva necessariamente a um comprometimento do macho traidor no sentido dele vir a trazer no seu corpo um bebê de outra fêmea. A natureza nos fez assim. Mas biologia não é destino. Se os machos tendem a ser mais agressivos com as fêmeas por causa de seus genes, isso não significa que devemos ser mais tolerantes com eles a respeito dessa agressividade natural. Ao contrário, sabendo que os machos têm essa propensão a se tornarem agressivos, nossas leis devem se aprimorar no sentido de punir qualquer comportamento que vá às vias de fato. Miranda não chega a agredir Estela, seu interesse pecuniário supera seu ciúme sexual.

HÁ OUTROS TRIÂNGULOS SEXUAIS em *O cortiço* em que a violência de consuma. O mais evidente é o triângulo entre Rita Baiana, Firmo e Jerônimo. Rita Baiana era uma mulata fogaosa que morava no cortiço, mas no início do livro havia sumido com Firmo, um capoeirista malandro, da mesma cor que ela. Nesse par vai se intrometer Jerônimo, um português casado, com uma filha pequena, cuja família veio para o Brasil tentar melhor sorte. Jerônimo, mulher e filho vão morar no cortiço, e o cavouqueiro vai trabalhar na pedreira que se encontra ao fundo do terreno de Romão. Mas assim como João Romão é o português típico que chega no Brasil e continua sendo português, Jerônimo é de outra natureza, aquela cuja personalidade é arrebatada pelos tipos brasileiros, como Rita Baiana.

Jerônimo à força de dedicação pelo serviço, tornou-se tão bom como os melhores trabalhadores de pedreira e a ter salário igual ao deles: “Dentro de dois anos, distinguia-se tanto entre os companheiros, que o patrão o converteu numa espécie de contramestre e elevou-lhe o ordenado a setenta mil-réis.” Jerônimo também tinha “a força de touro que o tornava respeitado e temido por todo o pessoal dos trabalhadores, como ainda, e, talvez, principalmente, a grande seriedade do seu caráter e a pureza austera dos seus costumes”. Era homem de uma honestidade a toda prova e de uma primitiva simplicidade no seu modo de viver. “Trazia a filhinha sempre limpa e bem alimentada... malgrado as dificuldades com que os dois [Jerônimo e a esposa] lutaram a principio no Brasil”.

No meio do episódio VII o leitor pode acompanhar os preparativos e o desenrolar de duas grandes festas que ocorreram no cortiço, promovida pela Rita Baiana, e por uma outra vizinha (das Dores), para a raiva enfurecida do Miranda com o barulho que música e gritos que emanavam do cortiço:

Jerônimo e sua mulher foram convidados para ambas as mesas, mas não aceitaram o convite para nenhuma, dispostos a passar a tarde ao lado um do outro, tranqüilamente como sempre, comendo em boa paz o seu cozido à moda da terra e bebendo o seu *quartilho* de verde pela mesma infusa (75).

Entretanto, depois que os jantares foram servidos e o tom de voz amenizado, da porta de sua casinhola no cortiço Jerônimo pega uma viola portuguesa:

Nisto começou a gemer à porta do 35 uma guitarra; era de Jerônimo. Depois da ruidosa alegria e do bom humor, em que palpitava àquela tarde toda a república do cortiço, ela parecia ainda mais triste e mais saudosa do que nunca. (p 78)

Mas logo, a cantilena portuguesa é interrompido pelo ritmo brasileiro:

mas, de repente, o cavaquinho do Porfiro, acompanhado pelo violão do Firmo, romperam vibrantemente com um chorado baiano. Nada mais que os primeiros acordes da música crioula para que o sangue de toda aquela gente despertasse logo, como se alguém lhe fustigasse o corpo com urtigas bravas. E seguiram-se outras notas, e outras, cada vez mais ardentes e mais delirantes. Já não eram dois instrumentos que soavam, eram lúbricos gemidos e suspiros soltos em torrente, a correrem serpenteando, como cobras numa floresta incendiada; eram ais convulsos, chorados em frenesi de amor; música feita de beijos e soluços gostosos; carícia de fera, carícia de doer, fazendo estalar de gozo (p 78).

Pode-se compreender que a música é um prefácio para a luta que vai vir depois. Firmo, a música de Firmo, vai silenciar a de Jerônimo. Afasta a tristeza, vem dançar o corpo. E a partir desse momento começa a ocorrer em Jerônimo uma revolução, canalizada pela música brasileira e pelas curvas dançantes de Rita Baiana. O duelo que se trava então pela mulata envolve não só Firmo, mas também a própria mulher de Jerônimo, a também portuguesa, Piedade de Jesus. No episódio seguinte, VIII, quando Jerônimo falta a uma tarde de trabalho e fica prostrado na cama, a aparição de Rita para ajudar o doente afeta Piedade de forma profunda:

A portuguesa não dizia nada, sorria contrafeita, no intimo, ressentida contra aquela invasão de uma estranha nos cuidados pelo seu homem. Não era a inteligência nem a razão o que lhe apontava o perigo, mas o instinto, o faro sutil e desconfiado de toda a fêmea pelas outras, quando sente o seu ninho exposto (77)

A competição está patente, e um pouco antes, ainda no episódio VII o leitor certamente vê razões para que o “instinto” da mulher de Jerônimo não estar equivocado. Jerônimo, como outros moradores do cortiço, havia sido tocado pela música de fogo que “doidejava no ar como um aroma quente de plantas brasileiras, em torno das quais se nutrem, girando, moscardos sensuais e besouros venenosos, freneticamente, bêbedos do delicioso perfume que os

mata de volúpia” (p 78):

Jerônimo alheou-se de sua guitarra e ficou com as mãos esquecidas sobre as cordas, todo atento para aquela música estranha, que vinha dentro dele continuar uma revolução começada desde a primeira vez em que lhe bateu em cheio no rosto, como uma bofetada de desafio, a luz deste sol orgulhoso e selvagem, e lhe cantou no ouvido o estribilho da primeira cigarra, e lhe acidulou a garganta o suco da primeira fruta provada nestas terras de brasa, e lhe entonteceu a alma o aroma do primeiro bogari, e lhe transtornou o sangue o cheiro animal da primeira mulher, da primeira mestiça, que junto dele sacudiu as saias e os cabelos (79).

E, para a infelicidade de sua mulher, Jerônimo

viu a Rita Baiana, que fora trocar o vestido por uma saia, surgir de ombros e braços nus, para dançar. A lua destoldara-se nesse momento, envolvendo-a na sua coma de prata, a cujo refulgir os meneios da mestiça melhor se acentuavam, cheios de uma graça irresistível, simples, primitiva, feita toda de pecado, toda de paraíso, com muito de serpente e muito de mulher (79).

Ela saltou em meio da roda, com os braços na cintura, rebolando as ilhargas e bamboleando a cabeça, ora para a esquerda, ora para a direita, como numa sofreguidão de gozo carnal, num requebrado luxurioso que a punha ofegante; já correndo de barriga empinada; já recuando de braços estendidos, a tremer toda, como se se fosse afundando num prazer grosso que nem azeite, em que se não toma pé e nunca se encontra fundo. Depois, como se voltasse à vida, soltava um gemido prolongado, estalando os dedos no ar e vergando as pernas, descendo, subindo, sem nunca parar com os quadris, e em seguida sapateava, miúdo e cerrado, freneticamente, erguendo e abaixando os braços, que dobrava, ora um, ora outro, sobre a nuca, enquanto a carne lhe fervia toda, fibra por fibra, tirilando (80).

Firmo está entre Jerônimo e Rita Baiana. A solução, que não revelarei aqui, se dá com a vitória violenta do português. Sem saber do que se sucedeu Rita Baiana já se havia decidido por Jerônimo. Ela também tem suas razões:

desde que Jerônimo propendeu para ela, fascinando-a com a sua tranqüila seriedade de animal bom e forte, o sangue da mestiça reclamou os seus direitos de apuração, e Rita preferiu no europeu o macho de raça superior. O cavouqueiro, pelo seu lado, cedendo às imposições mesológicas, enfarava a esposa, sua congênere, e queria a mulata, porque a mulata era o prazer, era a volúpia, era o fruto dourado e acre destes sertões americanos, onde a alma de Jerônimo aprendeu lascívia de macaco e onde seu corpo porejou o cheiro sensual dos bodes.

Amavam-se brutalmente, e ambos sabiam disso. Esse amor irracional e empírico carregara-se muito mais, de parte a parte, com o trágico incidente da luta, em que o português fora vítima. Jerônimo aureolou-se aos olhos dela com uma simpatia de mártir sacrificado à mulher que ama; cresceu com aquela navalhada; iluminou-se com o seu próprio sangue derramado, e, depois, a ausência no hospital veio a completar a cristalização do seu prestígio, como se o cavouqueiro houvera baixado a uma sepultura, arrastando atrás de si a saudade dos que o choravam.

Nessa passagem as “imposições mesológicas”, evocam o determinismo ambiental do inclemente clima brasileiro obrigando Jerônimo a se transformar. Mas ao lado disso há uma transformação simétrica, que mais nos interessa, pois aponta com uma assimilação étnica vista com bons olhos pela própria personagem: “Rita preferiu no europeu o macho de raça superior”. Bem no início do romance Bertoleza “não queria sujeitar-se a negros e procurava instintivamente o homem numa raça superior à sua”, por isso casou com Romão. Mas este, logo que precisa, vai deixar a negra escrava para trás. Jerônimo não; este é um outro tipo de macho. Ele foi arrebatado pela música, pela mulher, pelo sol primitivo do Brasil. Tal primitivismo, tal inferioridade se enquadraria bastante bem em alguns esquemas evolucionistas, e de fato a historiografia literária aponta tais vieses. Todavia é um equívoco comum pensar que o darwinismo co-substancia tal dualismo “superioridade *versus* inferioridade”. Se compreendermos o darwinismo como uma linhagem ou um programa de pesquisa que se desenvolveu a partir da publicação em 1859 de *A origem das espécies*, com suas rupturas e continuidades, que passa pela Teoria Sintética da Evolução e chega aos dias de hoje, tal programa de pesquisa continua vivo ramificando suas apostas de que a seleção natural é o único processo racional para explicar os pretensos projetos das espécies e sua quase inacreditável diversidade. O evolucionismo de Aluísio Azevedo não pode ser considerado darwinista. Talvez seja spenceriano ou haeckeliano ou uma conjunção de ambos. O ponto é que Rita Baiana escolhe ficar com Jerônimo por que ele é forte; seu comprometimento passado com a própria esposa e filho também sinalizam sua confiabilidade. Jerônimo é arrebatado pela terra brasileira, uma força superior à sua, mas mantém seu caráter de bom esposo e de bom pai.

A escolha de Rita Baiana por Jerônimo sintetiza duas concepções de seleção sexual bem conhecidas entre os

evolucionistas de hoje. Jerônimo é forte e portanto possui bons genes; mas também é um pai dedicado, estando sempre disposto a investir recursos em sua filha. E mesmo quando se separa de Piedade, a mãe da criança, não mede esforços inclusive para promover uma reconciliação entre a esposa e a amante. Rita Baiana escolhe Jerônimo por causa da sua força física, de seu sucesso como cavouqueiro e também pela reputação que teve no passado.

Pelo menos desde a publicação de *Descent of man and sexual selection*, em 1871, a seleção sexual se tornou um processo que poderia ou deveria contribuir para a explicação de certos comportamentos animais considerados bizarros como a cauda do pavão, o exemplo clássico. O aperfeiçoamento do macho é para o gosto das fêmeas. Wallace considerava a seleção sexual um caso particular de seleção natural. Darwin via, por exemplo, no tamanho e forma dos chifres do alça irlandês, uma evidência *contra* a seleção natural, pois tais galhadas não contribuíam, mas poderiam até obstruir, a sobrevivência do animal. Haveria outro processo em curso, no caso a discriminação pelas fêmeas das galhadas mais exuberantes. Uma interpretação para esse comportamento seletivo dessas fêmeas é que as galhadas são uma expressão do estado de saúde do macho. Animais parasitados apresentam assimetrias e malformações em suas estruturas visíveis. Aquele com as galhadas mais exuberantes atrairiam, na média, mais fêmeas, deixam uma prole maior. Mas sinais de comprometimento do macho, de investimento parental, parece exercer sobre fêmeas de outros grupos animais uma atração também especial.

Como vimos, Jerônimo é forte e comprometido. Mas também é branco e homem. A chave estruturada por Aluísio Azevedo localiza o macho branco como superior. É a própria Rita que reconhece seu direito a ascensão social. Isso significa que o próprio Aluísio Azevedo era/é racista? Além do anacronismo contido na própria pergunta, é preciso considerar que toda essa crueza naturalista não disfarça uma irônica crítica de como a sociedade enxerga as diferenças entre fêmea e macho, entre o preto e o branco. Essa idéia de superioridade, sobretudo a do elemento claro sobre o escuro, do português sobre o autóctone, é identificada muitas vezes, principalmente entre estudiosos brasileiros, como darwinismo.

É claro que Azevedo não precisa conhecer tão bem a teoria da evolução por seleção natural, nem certos exemplos de comportamento mamífero, e isso na verdade é um argumento a favor da idéia de que temos todos uma mente que depende intrinsecamente de um órgão, o cérebro, conectado por meio de nervos e hormônios a outras partes do corpo, e que essa integração não é nem o produto do acaso nem de nenhum projeto inteligente se não resultado aberto do processo de seleção natural. Azevedo é um ser humano e representa seus personagens como tipos gerais (o português rico, o comerciante que sobe de vida pela usura, a negra escrava trabalhadora e honesto, o capoeirista mulato malandro) em uma época que estava em curso no Brasil a importação de idéias sejam elas literárias ou científicas e filosóficas. O naturalismo e o realismo francês, e de quebra o português, em termos estilísticos iriam se encontrar, nas últimas décadas do século XIX, com o darwinismo e outras formas de evolucionismo. Embora em *O cortiço*, nem o darwinismo social de Spencer e nem o recapitulacionismo de Heckel, que compartilham apenas alguns aspectos da teoria da evolução por seleção natural de Darwin e Wallace, nenhuma dessas teses aparece explicitamente, Todavia o conceito de luta e seus correlatos é presença recorrente no texto: a palavra “luta” aparece 14 vezes; “guerra” 12 vezes; “briga”, 9 vezes; “desafio”, 8 vezes; “disputa”, 5 vezes. De quebra, para reforçar a tese aqui defendida, “ciúme” é uma palavra que aparece 9 vezes. Embora números soltos não tenham o poder de ilustrar o sentido do problema, parece claro que o que está em jogo, sendo uma abordagem naturalista, é a apresentação de uma atmosfera no qual os personagens são representados em seu sentido mais bruto.

Jerônimo, no entanto, talvez seja um símbolo da transmutação, embora aqui o português seja assimilado pelo elemento autóctone, caracterizado como primitivo. Mas por outro lado, do ponto de vista da própria Rita Baiana, trata-se de uma legítima mistura que vai melhorar a prole da mulata, embranquecendo-a. Curioso notar assim que do ponto de vista de Jerônimo sua relação com a mulata resulta em uma degeneração da raça branca; entretanto, da perspectiva de Rita Baiana a mistura significa um melhoramento, racial, conforme preconizava a elite brasileira da época.

Fonte

AZEVEDO, Aluísio. *O cortiço*. RJ: Ed. Record [1890] (1995).

Bibliografia

.ALONSO, Ângela. *Idéias em movimento: a geração de 1870 na crise do Brasil império*. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

.BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*. São Paulo: Cultrix, 1995.

- .CÂNDIDO, Antonio. *Formação da literatura brasileira* (2 vols.) Belo Horizonte: Ed. Itatiaia, 1993 (7ª edição).
- .CARROLL, Joseph. *Evolution and literary theory*. Missouri: University of Missouri Press, 1995.
- .CARVALHO, José Murilo de. *Os bestializados: o Rio de Janeiro e a república que não foi*. São Paulo: Cia das Letras, 2004 (1987).
- .CHALHOUB, Sidney. *Cidade febril: cortiços e epidemias na corte imperial*. São Paulo: Cia das Letras, 2004 (1996).
- .COLLICHIO, Terezinha. *Miranda Azevedo e o darwinismo no Brasil*. São Paulo: EduSão Paulo; Belo Horizonte: Itatiaia, 1988.
- .CRONIN, Helena 1995 *A formiga e o pavão: altruísmo e seleção sexual de Darwin até hoje*. Campinas: Papirus.
- .DARWIN, Charles. *Origem das espécies*. Belo Horizonte: Itatiaia, São Paulo: Edusp, 1985.
- .DOMINGUES, Heloisa Bertol; SÁ, Magali Romero; GLICK, Thomas. *A recepção do darwinismo no Brasil*. Rio de Janeiro: Ed. Fiocruz, 2003.
- .DUTTON, Denis. The Pleasures of Fiction. *Philosophy and Literature* 28 (2004): 453-66.
- .GOTTSCHALL, Jonathan; WILSON, David Sloan (Eds), *The Literary Animal : Evolution and the Nature of art (Rethinking Theory)*, 2005,
- .MAYR, Ernst. *O desenvolvimento do pensamento biológico*. Brasília: Ed. UniB, 1998.
- .MERQUIOR, José Guilherme. *De Anchieta a Euclides: breve história da literatura brasileira*. Rio de Janeiro: Ed. Olympio, 1979.
- . MILLER, Geoffrey F. 2000 *A mente seletiva: como a escolha sexual influenciou a evolução da natureza humana*. Rio de Janeiro: Campus.
- .PEREIRA, Lúcia Miguel. *Prosa de ficção (de 1870 a 1920): história da literatura brasileira*. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Ed. USP, 1988.
- .PINKER, Steven. *Tabula rasa: a negação contemporânea da natureza humana*. São Paulo: Cia das Letras, 2004.
- .RIDLEY, Matt. *Nature via nurture: genes, experience and what makes us human*. New York: HarperCollins Publishers, 2003.
- .SHWARZ, Roberto. *Um mestre na periferia do capitalismo: Machado de Assis*. São Paulo: Livraria Duas Cidades, 1990.
- .SHWARCS, Lilia Moritz. *O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil (1870-1930)*. São Paulo: Cia das Letras, 1993.
- .SKIDMORE, Thomas. *Preto no branco: raça e nacionalidade no pensamento brasileiro*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.
- .SODRÉ, Nelson Werneck. *História da literatura brasileira: aspectos econômicos*. Rio de Janeiro: Ed. Civilização Brasileira, 1964.
- .STEPAN, Nancy Leys. Eugenia no Brasil, 1917-1940. IN: HOCHMAN, Gilberto; ARMUS, Diego (orgs.). *Cuidar, controlar, curar: ensaios históricos sobre saúde e doença na América Latina e Caribe*. Rio de Janeiro: Ed. Fiocruz, 2004, p 331-391.
- .TOOBY, John; COSMIDES, Leda. The psychological foundations of culture. IN: BARKOW, L.; COSMIDES, L.; TOOBY, J. *The adapted mind: evolutionary psychology and the generation of culture*. New York: Oxford University Press, 1992, p 19-136.

.TRIVERS, Robert. Parental investment and reproductive success. IN: -----, *Natural selection and social theory: selected papers of Robert Trivers*. Oxford: Oxford University Press, 2002, p 56-110

Esse trabalho é parte do projeto “A recepção do darwinismo via história da literatura brasileira”.